

## **O trabalho da mídia comunitária durante a pandemia da Covid-19: a produção jornalística dos veículos Maré de Notícias, Voz das Comunidades e Favela em Pauta<sup>1</sup>**

**Eduardo Carvalho**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio  
Departamento de Comunicação – Bacharelado em Jornalismo

### **Resumo:**

Este trabalho tem como propósito desvelar, como tema, a produção da mídia comunitária durante a pandemia da Covid-19, analisando três veículos de grande relevância para o jornalismo tradicional, e que, por sua vez, compõem o jornalismo compreendido e entendido na sua concepção: Maré de Notícias, Voz das Comunidades e Favela Em Pauta. A resultante apresentação tem como princípio primordial sinalizar a importância da mídia comunitária, bem como sua relevância na forma de informar, noticiar e produzir pensamento a respeito dos territórios que, em grande parte da História, foram subjugados, criminalizados e violentados sob diferentes aspectos e narrativas, em corrente imaginário de que ali residia a ausência e não a potência. Neste contexto, uma produção que não será apagada e promoverá ainda mais mudanças não só para estes locais, e sim para todo o país.

### **Palavras-chave:**

Mídia; Comunitária; Jornalismo; Pandemia; Covid-19.

### **1. Introdução**

Ressignificando a presença e atuação em meios de comunicação ao longo da História, comunicadores favelados no Brasil captaram para si a responsabilidade de atuar 'à margem' das faltas, a partir do compartilhamento de ações que visam fortalecer os territórios, bem como a população que reside neles. Apesar da falta - e sobretudo por ela - veículos de comunicação feitos com o olhar de "dentro" e não 'sobre' tiveram como principal papel reorganizar a estrutura do jornalismo dentro das redações consideradas como tradicionais, por meio do advento e acesso às mídias digitais, como forma de *hackear* a produção e ampliar o trabalho, alcançando não só quem está no beco, bem como quem não vive naquelas

<sup>1</sup> Artigo derivado de Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Jornalismo, orientado pela professora Lilian Saback, entregue em dezembro de 2022.

realidades, na disseminação de conteúdos que dialogam com um projeto de cidade, estado e país, e que por sua vez se tornam assuntos ainda mais urgentes.

Intelectuais orgânicos, segundo Gramsci (1999), por sentirem na pele omissão do Estado, expõem em suas produções as múltiplas facetas da desigualdade, assim como a iniciativa de pautar as transformações que podem ser realizadas a partir de esforço e vontade pública-política, conferindo a esta camada da sociedade o aspecto de potência nos eixos sociais, econômicos e culturais, como estratégia de garantia de direitos e a manutenção deles.

Imersos ao contexto de uma pandemia global, declarada oficialmente em 14 de março de 2020, ambos os atores se colocaram como ativadores locais, apreendendo e aprendendo quais decisões poderiam impactar de maneira enfática a vida dos moradores, assim como seria registrada a perda dessa população referente à quantidade de vítimas ceifadas pela crise sanitária. Ao unir características de empatia e pertencimento, a produção dos veículos periféricos atuou na base em contar as histórias atravessadas pela tragédia no âmbito da saúde, além de evidenciar epidemias já presentes no país, como o racismo e a fome.

Em caráter de denúncia e mobilização, os próprios veículos foram capazes de coordenar ações que enfatizavam o apelo preconizado pelos órgãos de saúde pública, como higienização das mãos com água e sabão; a doação de mantimentos para quem estava em vulnerabilidade e/ou situação de pobreza ou extrema pobreza; além de mapear a quantidade de infectados e mortos pelo vírus.

Por meio de publicações, artigos, vídeos e campanhas, destacam-se três veículos em relação à produção durante o período. Fundado no corrente ano de 2005, pelo ativista Rene Silva, o jornal Voz das Comunidades tinha o objetivo de mostrar tudo o que acontecia na sua comunidade e na crise sanitária e atuar como organizador de um painel atualizado diariamente com os casos de infectados e mortos pela pandemia. O veículo Maré de Notícias (impresso e on-line) foi criado pela organização Redes da Maré com intuito de promover outro olhar e forma ao que era experimentado nas 16 comunidades que compõem o conjunto, realizando produções diárias sobre a temática, bem como um especial de um ano do não só sobre os impactos do coronavírus, mas em diversas outras comunidades do Rio de Janeiro. E o Favela Em Pauta, resultante da experiência de três jornalistas do Rio

na cobertura dos impactos da Olimpíada de 2016 e suas favelas na cidade para o jornal britânico The Guardian: Rocinha, além dos conjuntos de favelas do Alemão e Maré. Neste último, a realização de um mapa colaborativo, que, por sua vez, originou o projeto Brasis Pandêmicos, teve o intuito de promover uma análise cirúrgica acerca das realidades distintas de cada periferia, indicando iniciativas que visavam mitigar os impactos da peste.

Cada um dos três veículos experimentou diferentes formas, além de traçar novas concepções e metodologias no tocante à produção jornalística sob a pandemia da Covid-19. O presente trabalho – e me coloco também como parte do tema –, procura investigar e também refletir sobre o que foi pauta nas três redações, e o quanto elas tiveram valioso impacto dentro e fora de seus territórios por escancarar as realidades brasileiras, nesses que são 'o quarto de despejo' (JESUS, 1960) do país: às favelas e periferias.

A finalidade do trabalho consistiu em se tornar uma pesquisa de observação-participante (TRAVANCAS, 2005), estar imerso na produção, procurar dar uma visão mais ampla sobre o papel do que é feito nas favelas, comunidades, periferias, quebradas e palafitas, pelo segmento da comunicação, para abordagem de questões referentes a um projeto de país menos desigual. Neste sentido, espera-se que este trabalho possa trazer benefícios, sendo usado como plataforma de análise (em movimento) sobre algo que está aos nossos olhos, mas poucas vezes sabemos captar. Sem deixar de se questionar, sempre, sobre os formatos e maneiras de levar informação e serviço para quem precisa.

Ao me debruçar sob cada aspecto dos trabalhos citados existe o indicativo dos motivos que fazem a temática ser relevante e entrar na pauta. Como quando elucidamos, em caráter de análise, o caminho pelo qual a vertente da comunicação se fez criada nesses territórios, assim como foram apreendidas por profissionais do serviço tradicional do ofício, além de suas interferências.

Neste contexto, indicar em conjunto a propagação e a noticiabilidade do vírus em razão sanitária e fazer um resumo de um panorama das primeiras ações feitas pelos grupos e demais instituições como forma de frear a disseminação e contágio.

Compreendendo a construção de cada meio para dar vazão aos conteúdos e maneiras de explicar, à medida que possível, o que acontecia, mesmo sem saber

exatamente. Aqui, nota-se o protagonismo em sinalizar, de antemão, a gravidade da pandemia nesses locais, bem como quais ações poderiam ser feitas - sob urgência - para reter o crescimento dos números.

O objetivo é analisar a comunicação comunitária com uma lupa que aponta para o futuro, concebendo assim, uma reflexão sobre como os veículos apreenderão as estratégias utilizadas sob cobertura pandêmica, além do grau de interferência no Jornalismo como um todo.

Por anos invisibilizadas pelos veículos de comunicação, as comunidades por muitas vezes estiveram de fora da cobertura de boa qualidade, ou por uma grande quantidade de vezes foi subjugada, marginalizada e criminalizada pelos dados que indicavam taxas de violência. Há também os momentos históricos em que se ficou latente o abismo social no qual se encontra o Brasil. Poucos foram os momentos em que as favelas ganharam visibilidade pela capacidade cultural e artística ali reunida.

Redesenhadas as narrativas por meio do advento das redes sociais, as comunidades, favelas, periferias e palafitas, sempre tidas como ambientes à margem, estando fora dos núcleos e eixos de comunicação, tiveram de gerir a própria entrada nos meios de comunicação, na busca por serem enxergadas pela magnitude não só territorial, mas de potência. E por meio do elemento de pertencimento, como sintetiza Raquel Paiva, a partir da noção da esfera na qual se compartilha a vida nesses territórios:

Em síntese, a ideia propositiva, de comunidade do afeto, concentra-se basicamente na capacidade de tocar solidariamente o outro. O objetivo é ter uma proposta capaz de conectar mais fortemente os indivíduos entre si e ao seu território, tornando-os capazes de atuarem para a transformação. Isso é relevante porque vivemos um momento de uma passividade crítica, ou seja, de uma maneira geral, tem-se a sensação de uma sociedade injusta, tem-se até mesmo o entendimento da desigualdade, mas uma ausência de ações reivindicativas e de uma atuação capaz de produzir a reversão desse quadro. (PAIVA, 2021, p. 92)

Sob esse aspecto, um novo modelo pôde ser pensado, dialogando também com os avanços sociais pautados por políticas públicas de Estado, calcadas em inserir novos atores em espaços de pensamento e produção, como o ambiente universitário. Nessa camada, existe a possibilidade de o morador se ver

representado, onde “o telespectador é um cidadão-contribuinte e quer ser informado a respeito das questões da sua cidade, quer ver denunciadas na televisão as injustiças sofridas por ele ou por qualquer outro morador de sua comunidade” (SABACK, 2005, p. 149-161).

Dentro deste viés, portanto, conseguir ter a capacidade de atrair e reter a teoria para elaborar a prática, construindo novas pontes para que a favela pudesse chegar.

Esse território, representado pelo local onde se vive coletivamente, que é também uma das acepções aceitas para o entendimento de comunidade, é o lugar onde se vive, se procurar entender a partir da linguagem, questionar a partir de uma crítica construída coletivamente visando a construção de um real concreto de superação das dificuldades e dos problemas. Todo esse processo prevê, para a sua concretização, uma reflexão. A comunicação comunitária e a utopia freireana racional evidenciada pelo relato dos problemas e possíveis soluções, entretanto, entende-se que o elo e chamamento para esse conagraçamento coletivo é tecido pelo sensível. Comunidade do afeto ou comunidade sensível significaria assim um processo. (PAIVA, 2021, p.95)

E chegando, fazer com que seja possível a periferia deixar de ser um produto de notícia estereotipada pela mídia hegemônica, sendo agora vista como protagonista de suas histórias, com o objetivo de ampliar e criar novos formatos de jornalismo comunitário - e também alternativo. Como destaca Cicilia M. Krohling Peruzzo:

No fundo, trata-se de uma comprometida com os movimentos sociais e organizações de base popular sem fins de lucro, que se orienta à transformação da realidade, entendida no sentido de aprofundar e ampliar a conquista dos direitos de cidadania. Kaplún (1985, p. 7), que, ao referir-se a esse fenômeno da comunicação popular e alternativa, afirma tratar-se de “uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista”. (PERUZZO, 2021, p. 104)

Ao longo do desenvolvimento dessa comunicação, estabeleceu-se um grande impasse na “disputa” frente aos veículos já pré-existentes e de grande apelo aos lugares e classes, que por sua vez, na questão agora não mais argumentativa, mas financeira. Aqui o jornalismo comunitário encontra suas maiores resistências, pois os veículos foram pensados, criados e tomaram formas para “apropriar-se das tecnologias digitais da comunicação para atuar em coletivos organizados

horizontalmente, em busca de independência dos grandes grupos de comunicação. Apostam em um modelo de jornalismo sem fins lucrativos para manterem a autonomia". (FÍGARO e NONATO, 2015).

Mas ao manterem a independência preconizada editorialmente, a partir da liberdade de não seguir, politicamente, uma linha de produção e/ou caráter estabelecido pelo capital, eles veem suas iniciativas em xeque. A dificuldade inicia-se em processo anterior ao da chegada às redes, quando a comunicação foi pensada em formatos de panfletos, cartilhas e folhetos, sem a presença de publicidade, de maneira gratuita, disponibilizada de porta em porta. A questão primária gira em torno do acesso às plataformas e demais meios de obtenção de informação.

De acordo com um relatório 2020 da Global Digital<sup>2</sup> (indicando os números em referência ao período de decreto mundial da pandemia), consolidado pela We Are Social e Hootsuite, cerca de 150,4 milhões de brasileiros eram usuários da internet naquele ano. Ainda que os números causem furor e mostrem um potencial avanço, um recorte sobre como se dá a estrutura de rede em relação à conexão via internet dentro das favelas e periferias precisa ser feito, já que muitos dos moradores só obtêm acesso básico às plataformas sociais como Facebook, Instagram e WhatsApp.

No processo de migração da plataforma, esse mesmo jornalismo e/ou mídia comunitária encaram, mais uma vez, os desafios de uma empreitada que, por entender-se fundamental e de extrema importância, se torna solitária, configurando-se como um projeto custoso e ainda mais difícil de ser viabilizado. E mesmo quando nascem hoje na arena digital, enfrentam problemas quando deparados com as novas tecnologias.

Trata-se como o primeiro dos problemas, a dinâmica do público ter faixas etárias mais jovens, que, ao mesmo tempo, são mais receptivos a essas iniciativas, mas não possuem ou sustentam financeiramente os projetos. E como um problema secundário, o público das faixas desconfiar das novas tecnologias, levando mais tempo para refletir e decidir pagar por informações publicadas na internet. Em

---

<sup>2</sup> We Are Social e HootSuite - Digital 2020 [Relatório Completo]  
<https://datareportal.com/reports/digital-2020-brazil>

resumo, o resultado é: os novos projetos de jornalismo em comunidades têm uma maturação financeira lenta e desafios ainda mais difíceis para Lilian Saback.

Sabe-se que, apesar das questões elencadas acima, por meio das redes sociais, a mídia comunitária consegue atingir mais pessoas com custo menor do que, por exemplo, com a produção de um jornal impresso com tiragem e distribuição limitadas. Porém, as perguntas que ainda se faz são: como se posicionam os veículos de jornalismo comunitário em face das mudanças na forma de financiamento, já que a monetização do conteúdo sai das mãos deles para as dessas empresas? Ao ocupar os novos espaços da comunicação hegemônica, eles estão fazendo uma comunicação contra-hegemônica? (2020, p. 163)

Convém salientar e entender os processos de desenvolvimento e sustentabilidade dos projetos comunitários de comunicação, haja vista que, quando conseguem superar a barreira do equilíbrio financeiro, passam a ter maiores condições de sobrevivência porque o futuro da notícia e da informação está no digital.

De acordo com dados fornecidos pela empresa norte-americana CB Insights<sup>3</sup>, referência em análises sobre projetos digitais, aproximadamente 70% das empresas surgidas na internet a partir de 2018, por exemplo, finalizaram seus trabalhos. Os números apontam não só um altíssimo índice de queda em startups, mas sobretudo as de viés jornalístico, para aquelas em que foi possível estabelecer métodos para financiamento. O que não acontece com as mídias comunitárias frequentemente.

Para conseguir captar essa produção, não deixando com que o conteúdo seja desmerecido e ganhe ainda mais repercussão, visto que, disponibilizado nas redes sociais de maneira gratuita alcançam números significativos de curtidas e compartilhamentos, há um movimento de ruptura de paradigmas a partir dos veículos e redações tradicionais, como sinaliza Foschini, Taddei e outros estudiosos (2006).

Essa alteração de comportamento dos conhecidos meios de comunicação, tradicionalmente constituídos e de alcances nacionais, criando interfaces juntos às

<sup>3</sup> The 2018 Global CVC Report. <https://www.cbinsights.com/research/report/corporate-venture-capital-trends-2018/> Acessado em 11 de outubro de 2022.

mídias tradicionais, se torna um dos meios de continuidade e sobrevivência para essas iniciativas, justamente por serem concebidas de maneira local.

Debruçada a estudar esse segmento, Cicilia Peruzzo indica que o crescimento da mídia comunitária contribui de maneira ainda mais forte e catalisadora por ser vista tanto como espaço de ação política, mas também de oportunidade de produto que:

denota uma comunicação baseada em informação de proximidade. Na prática, ela é perpassada por distorções motivadas pela forma com que as relações de produção das notícias e de outros conteúdos midiáticos se processam, mas de uma maneira geral cumpre uma importante função social. (PERUZZO, 2005, p.69)

Sendo assim, a maneira como se estabelece e finca bases de estruturação é consolidada nas identidades, validando a multiplicidade das relações de diferença dentro da realidade local. Mas isso por si só não é passível de sustentação argumentativa para o âmbito financeiro.

Nesse contexto, quando em parte dos casos é possibilitada a chance de aporte de recursos por meio das redações, além de uma parceria acordada a curto e médio prazo, o intuito se dá a partir de uma noção que visa fortalecer e capacitar os integrantes dos projetos.

O entendimento mais amplo sobre essa parceria, união e reprodução se baseia na ideia de que, em muitos episódios, a mídia tradicional não está; mas sim a comunitária. E pelo valor de ligação em ser quem vive aquela realidade, ela torna o produto ainda mais rico potencialmente nas questões de criação, produção e finalização nas coberturas organizadas por emissoras de TV, rádios, internet e demais plataformas.

É importante destacar como ponto de ligação entre as duas cadeias (comunitária e tradicional) os momentos em que os territórios de comunidade e periferia estão sob operações policiais e incursões do Estado, onde muitas vezes os comunicadores favelados estão sem nenhum respaldo ou apoio físico que salvasse sua vida.

Nesse aspecto, até mesmo a modulação pelos comunicadores periféricos em não aceitar participar das coberturas nestes casos, sem que haja uma intenção de



parceria que potencialize e visualize, por meio das grandes redações, dos acontecimentos que não estejam referidos a violência.

O objetivo maior com essa atitude é mostrar que, para além de qualquer pensamento, há que se levar em consideração o respeito a quem faz e organiza a comunicação periférica diariamente, a fim de entender esse agente como parceiro na construção da notícia, e não apenas como fonte. Neste caminho, apontar o comunicador comunitário como um profissional essencial para as redações, conferindo importância por meio de suas comunidades, para que sejam ouvidas pelas autoridades não só nos momentos de tensão.

Sob esse entendimento, o grande e prioritário desejo é para que jornalistas (e ainda mais jornalistas *de* e *em* favelas) não sejam alvo de perseguições políticas, militares, policiais e de civis armados. Por isso a compreensão de tantas transformações sob a ótica de que o jornalismo praticado de maneira comunitária, periférica e nas favelas não pode (nem é) um exercício de filantropia, o que inviabiliza a criação de mais iniciativas que trabalhem diretamente na trincheira.

## 2. O legado para um futuro

*“Em outras palavras, comunidade não é um mero estar junto num território, com numa aldeia, num bairro ou num gueto, e sim um compartilhamento (ou uma troca), relativo a uma tarefa, um munus, implícito na obrigação imaginária que se tem para com o OUTRO...”*, (SODRÉ, 2006: 93).

Apreendendo o que diz Sodré, traduzindo o conceito cabível de *communitas*, o ideário de comunidade parte do fato, em termos da lógica, como “a causalidade de uma substância na determinação de outras, em toda reciprocidade” (KANT apud SODRÉ, 2006: 93) e por meio desta dimensão, a compreensão do compartilhamento de um território em nível coletivo, onde a população estabelece valores e trocas partilhadas, numa dinâmica que fala ao individual, e também ao coletivo - aqui disposto nos conjuntos de favelas do Alemão, Maré e Rocinha.

Sob explicação geral e mais ampla, as periferias do Rio de Janeiro (bem como todas contidas em território brasileiro) são marcadas por situações de desigualdade social, violência e pobreza, se tornam locais frutíferos e repletos de vulnerabilidades e potencialidades. São aspectos que somente seus moradores (tratados neste trabalho como intelectuais orgânicos) podem e/ou conseguem viver, captar, entender e dar significados, sendo um deles a produção comunitária, a fim de externalizar por meio da criação a realidade em que estão inseridos.

Em que pese à omissão do Estado anterior ao período pandêmico, como enxergar esses cidadãos passíveis de direitos, quando quem deveria estar à frente das ações não se faz presente? Como entender e dialogar para um projeto de país que ambicione a evolução de um futuro melhor, quando há escolha ou prioridades que não abarque ampla e irrestrita parcela da sociedade - que por sua vez é a maioria? Ao entender essas lacunas, os veículos comunitários em todo o Estado do Rio de Janeiro, bem como os espalhados pelo país, jogaram luz ao dar ainda mais visibilidade às questões de impacto na vida brasileira, compreendendo suas peculiaridades de acordo com a posição dos bairros, bem como suas urgências individuais - e que tornam-se coletivas.

Ao produzirem material robusto durante a pandemia, relatando na base o que não se publica nas capas e principais editoriais dos veículos clássicos de comunicação, os três jornais de mídia comunitária em destaque subvertem a ordem e questionam sobre o pacto em que um nicho da sociedade dispõe fé e crédito: o que privilegia uma parcela pequena, excluído e tornando minoritário o povo que vive na periferia, mola impulsionadora de produção econômica.

Problematizando por elementos textuais capazes de conferir identidade e pertencimento, estes veículos comunitários lançam olhar empírico sobre os fatos, com evidências que são experimentadas a cada segundo. Na ampliação do ofício jornalístico, o papel de levar e servir a quem precisa, tornando o processo de criação uma investigação que vai além dos aspectos resultantes à Comunicação Social. Os veículos comunitários conseguiram apresentar, cada um a seu modo, um universo despidido de estereótipos e/ou preconceitos, na busca de uma vida mais digna, diversa, democrática e que não deve ser utópica para a maioria das pessoas periféricas, colocando em questão uma abolição que mesmo nos dias atuais mostra-se cada vez mais inexistente.

São estes os veículos de jornalismo que reivindicaram, no auge da crise sanitária, o mínimo pedido pelos órgãos de saúde: para prevenir-se do vírus, era preciso lavar as mãos. Mas como lavar as mãos, se estas três favelas, em específico, não eram abastecidas com água? Por meio dos conteúdos, houve o reavivamento do debate sobre saneamento básico no país, ausente em políticas públicas voltadas a estes locais, que têm como desafio esquivar-se do esgoto a céu aberto, enfrentar a falta de energia elétrica e coleta de lixo, situações que conferem cuidado e direito ao ser.

Num cenário do desmonte de políticas públicas criadas para conter a fome e pobreza, o panorama atual penaliza quem vive nesses territórios, historicamente violentados - e aqui não somente e apenas a violência armada, mas toda a cadeia de violências existentes, como a falta de educação, segurança e, sobretudo e num período de crise sanitária, de saúde. Além do vírus, o medo de morrer por bala.

Em tempos de Covid-19, a discussão sobre como está o 'mental' ganhou ainda mais atenção, mas sem que haja um debate real de políticas públicas efetivas e voltadas a determinados núcleos, como sair a campo? De acordo com a pesquisa Construindo Pontes<sup>4</sup>, feita pelas organizações People's Palace Projects, cerca de 1/3 da população adulta da Maré (uma das favelas citadas neste trabalho) tem a saúde mental afetada pela violência. O relatório apresenta que 44% dos entrevistados disseram ter estado em meio a um tiroteio, sendo que 73% dos que responderam foram vítimas desta situação mais de uma vez. Ao todo, 44% acreditam que sua saúde mental foi prejudicada durante os confrontos.

Medo de morrer, mas também o de viver e não saber o quê comer. Preenchendo o vazio, no conteúdo publicado nesses veículos, a mobilização para que o alimento chegasse a quem precisava - e ainda precisa. Porque para quem tem fome, não basta. Ao todo, 33 milhões de pessoas estão em situação de fome, segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan)<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Site referencial para leitura do estudo Construindo Pontes  
[https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/BOLETIM\\_PESQUISA\\_CONST\\_PONTES\\_.pdf](https://www.redesdamare.org.br/media/downloads/arquivos/BOLETIM_PESQUISA_CONST_PONTES_.pdf)  
acessado em 04/11/2022.

<sup>5</sup> Publicação do 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil realizada pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. <https://pesquisassan.net.br/2o-inquerito-nacional-sobre-inseguranca-alimentar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-no-brasil/> acessado em 04/11/2022

Envolvidos em uma política econômico-social aterrorizante, uma média de 13,4 milhões de pessoas desempregadas formalmente, e 33,3 milhões trabalhando na informalidade.

O objeto racial é determinante e os números não mentem. Segundo dados<sup>6</sup>, o número de suicídio entre jovens negros é de 45%, e que a cada dez destes, nos quais seis eram negros e quatro eram brancos, com faixa etária de 10 a 29 anos; um sintoma da sociedade brasileira e sua maior chaga.

### 3. Conclusão

Nesse sentido, a realização da produção jornalística antes e depois da pandemia adquire um novo status, como algo que envolve todo o grupo social, mesmo que existam na comunidade pessoas exclusivamente responsáveis pela montagem do veículo.

Dentro desse mundo globalizado, "o veículo comunitário pode funcionar como um canal de negociação de conflitos ao articular informações e estímulos globais com a memória e a história local, construindo novos relatos, negociando identidades." (MALERBA, 2006. pg. 16). As mídias faveladas, com enfoque na crescente construção da identidade, conseguem promover e identificar a reuniões de subjetividades e podem ser capazes de oferecer discursos que façam a sociedade refletir e repensar suas decisões e escolhas.

De maneira didática e informativa, os veículos comunitários - em especial os três em destaque - foram além da abordagem nos formatos impresso e on-line, juntamente a publicações nas redes sociais, fazendo com que o conteúdo sobre a temática fosse mais atrativo e pudesse esclarecer os fatos.

Seja por meio de *lives*, *podcasts*, *tweets* ou vídeos no Instagram, questões relacionadas aos principais temas puderam chegar ainda mais longe. Estas são formas de se dialogar, informar, entreter e não deixar de questionar, em um

---

<sup>6</sup> Racismo e exclusão: jovens negros são principais vítimas de suicídio  
<https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/09/08/noticia-diversidade,1391718/racismo-e-exclusao-jovens-negros-sao-principais-vitimas-de-suicidio.shtml> acessado em 04/11/2022

período em que o acesso à informação foi obrigatório para que vidas nas comunidades fossem efetivamente salvas.

Apenas nesse prisma, têm-se como positivas as lições apresentadas e deixadas pela da crise sanitária, quando foi possível ver o crescimento e evolução do engajamento sob gestão de líderes comunitários e ativistas, dispondo energia para construir respostas e ações eficazes para conter os impactos da pandemia. E não seguindo ordens e direções concretas, ainda assim, foram mais expressivas e com maior impacto frente às ações estabelecidas por líderes constituídos por meio do voto.

Esse ensinamento vai além, reformulando o papel das mídias comunitárias e como as mesmas devem ser lidas e analisadas. Neste caso, coloco-me não só como pesquisador sobre a temática, mas como pessoa que esteve e teve sua vida e trajetória ligada à produção comunitária.

O que era imaginado antes do levantamento da pesquisa se tornou duplamente validado ao realizar este estudo. Por ser um comunicador que fez parte por anos de iniciativas de comunicação comunitária, pessoalmente imaginava - no campo do conhecimento prático das iniciativas - os seus valores. Mas ao agregara o olhar de observador das estruturas, bem como um crítico contumaz, percebi o valor ainda mais valioso que estes veículos têm para os territórios, bem como para o ofício jornalístico tido como instituição.

Tendo como princípio fundamental estar a serviço, é dever do comunicador se colocar à disposição de quem dele precisar, sem distinção de classe social, gênero e raça. Mas captando que existem níveis aprofundados de desigualdades que penalizam parte da sociedade, sempre se coloca à margem justamente pelo Jornalismo.

Seu dever com a pandemia é derrubar os muros e construir pontes, para que o produto jornalístico faça sentido, para que dialogue com as realidades vividas e experimentadas por quem o consome, evitando com isso uma parcialidade sacramentada e tida como inalienável. Não há, nesse sentido, nem pode haver omissão frente à fome, à violência e à negligência.

O dever comunitário deixa como legado respostas concretas do que se deve fazer: a união mesmo que nas trincheiras; a elaboração de ações legítimas que alterem o bem coletivo para níveis melhores, sem que isso interfira no fazer jornalístico ou confira ao comunicador status político. E ainda que seja transformado a pensar e pautar a elaboração de um projeto de país possível que reduza os danos causados tanto pelo racismo quanto pela desigualdade, isso estará sendo feito para e pelo bem maior da sociedade civil.

Tornando-se laboratórios comunicativos, as iniciativas que compõem a mídia comunitária podem ser vistas, por suas experiências, como atores que apontam para uma sinergia unindo comunicação e comunicação comunitária. E por meio desse aspecto, construir novas noções e situação para que o Jornalismo apreenda o uso das ferramentas dentro das concepções tecnológicas para uma melhor atuação no território. Aqui, não fomentar uma narrativa de sobreposição e aniquilamento das formas já existentes pelas grandes redações dos veículos, mas, como isso, criar mais exemplos que conjuguem mobilização, ação, atuação e participação na busca de melhor informar.

Desta forma, para além de serem tidos como objetos que experimentam e conjugam outras nuances da comunicação, receber fomento não apenas por meio de editais para dar sustentabilidade e viabilizar as estratégias almejadas, em caráter também de formação - não estando só compreendido pelo o que se aplica na Academia.

Assim, será possível ampliar o número de vozes capazes de transpassar, pela ativação da comunicação, novos caminhos que estejam para além da teoria, entendendo, a partir da prática, como colocar a estrutura à disposição de algo que mobilize e engaje os territórios. Esse feito pode ser pensado por meio da união dos veículos de imprensa já conhecidos, e por meio deles, remanejar não só verbas, mas também apoiar institucionalmente para que sua audiência também esteja presente nesses veículos.

Com isso, a noção de doação e construção por meio de campanhas poderá ser melhor apreendida pela sociedade, pouco afeita à ação por não ver, no Jornalismo, o elemento que congregue valor e transformação social. E sendo feita a partir do topo da pirâmide para sua base, facilitar o entendimento e a compreensão. As trocas com o jornalismo tradicional, otimizando públicos e aportes financeiros,

também constituem a característica de produção de projetos, aplicada de maneira mais ampla, medindo impactos.

Por fim, urge para que seja criado um consórcio de mídia comunitária, a fim de unir todos os veículos para que o fluxo de informações e conteúdos possa ser mais bem distribuído, aumentando o alcance do material produzido e também seus impactados. Só assim reter também as experiências. É pelo propósito mobilizador que será melhor empregado o bom uso daquilo que se capta a partir de uma laje, podendo ser replicado em outros cantos e para outras gentes.

Este trabalho não se esgota aqui. Quando pensamos na possível elaboração e realização da pesquisa, estávamos ainda sobre os altos números de infecção do coronavírus. Hoje, o cenário está estável, e o trabalho das mídias comunitárias é ainda mais forte a favor da Democracia e dos direitos garantidos por meio dela.

#### **4. Referências Bibliográficas**

- GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, v. 1.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1o. sem. 2005.
- (Orgs). Comunicação para a cidadania 30 anos de luta e construção coletiva. São Paulo, 2021.
- FIGARO, Roseli; NONATO, Cláudia. Novos 'arranjos econômicos' alternativos para a produção jornalística. In: 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Campo Grande: UFMS, 2015. \_\_\_\_\_. Jornalismo e trabalho de jornalistas: desafios para as novas gerações no século XXI. Revista Parágrafo, 2013. Disponível em <http://www.revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/231/261>
- MALEBRA, João Paulo. Comunicação alternativa em rede e difusão contrahegemônica. In. PAIVA, Raquel. SANTOS, Cristiano, (Org) Comunidade e ContraHegemonia: Rotas de Comunicação Alternativa. Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ, 2008.

(Orgs). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. Fazendo etnografia no mundo da comunicação, 2005, Isabel Travancas; página 103.

SODRÉ, Muniz. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política, Petrópolis: Vozes, 2006.

SOARES, Luiz Eduardo. Construindo Pontes - Maré e a Longa Gestação do novo mundo. People' Palace Project. Edição nº1.

SABACK, Lilian. Telejornalismo local. In: RODRIGUES, Ernesto (org.). No próximo bloco...: o jornalismo brasileiro na TV e na internet. Rio de Janeiro: ED. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2005, p. 149-161.

MARÉ. Redes da (org). Os muros do invisível. Disponível em:

[https://issuu.com/redesdamare/docs/projeto\\_redes-nepfe](https://issuu.com/redesdamare/docs/projeto_redes-nepfe) , acessado em: 16 de maio de 2022.

SILVA. Rene. Cabeças da Periferia - Ativismo Digital e Ação Comunitária. Editora Cobogó. 2020

(Orgs). Relatório EPC PUC-Rio Plataformas digitais e a relação com o jornalismo. Patrícia Maurício e Lilian Saback. Rio de Janeiro, 2020.

FOSCHINI, Ana Carmen e TADDEI, Roberto Romano. Jornalismo Cidadão. Você faz a

notícia, 2006. In: <http://www.overmundo.com.br/banco/conquiste-a-rede-jornalismo-cidadao-voce-faz-a-noticia>. Acessado em 10 de Outubro de 2022.

RINALDI, A. Marginais, delinquentes e vítimas: um estudo sobre a representação da categoria favelado no tribunal do júri da cidade do Rio de Janeiro. In: ZALUAR, A.; ALVITO, M. (Orgs.). Um século de favela. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, 299-323.